



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO**  
**CAMPUS BAIXADA SANTISTA**  
**Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde**

**VIVIANE GORGATTI**

**ENTRELACES**

**SANTOS – SP**  
**2017**

**VIVIANE GORGATTI**

**ENTRELACES**

Produto final para o Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde, modalidade profissional, do Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde da Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista, como requisito para obtenção do título de Mestre Profissional.

**Orientador:** Sidnei José Casetto

**Coorientador:** Maurício Lourenção Garcia

**SANTOS – SP**  
**2017**

# VIVIANE GORGATTI

## ENTRELACES

Produto final para o Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde, modalidade profissional, do Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde da Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista, como requisito para obtenção do título de Mestre Profissional.

---

Prof. Dr. Sidnei José Casetto  
Orientador

---

Prof. Dr. Maurício Lourenção Garcia  
Coorientador

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Angela Aparecida Capozzolo  
Banca examinadora

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Cristina Gonçalves Vicentin  
Banca examinadora

---

Prof. Dr. Roberto Tykanori Kinoshita  
Banca examinadora

Santos, 8 de agosto de 2017.

# ENTRELACES

ENTRELACES é uma coletânea que está sendo inaugurada a partir desse primeiro fascículo. Sua concepção nasceu como produto da minha dissertação de mestrado<sup>1</sup>. A proposta de ENTRELACES é reunir textos, produzidos por vários interlocutores, capazes de apresentar o trabalho do Camará sob diversas facetas. Nesta coletânea serão acolhidas produções de jovens, crianças, estagiários, profissionais que trabalham no Camará ou profissionais que de alguma maneira tiveram alguma articulação com o trabalho desenvolvido na ONG ou, ainda, poderá contemplar escritos de pessoas que, simplesmente, tenham interesse em narrar algum entrelace do Camará na sua vida ou trabalho.

Essa coletânea terá uma versão impressa e será veiculada eletronicamente pelo site do Camará. Cada exemplar de ENTRELACES conterà um texto no qual o autor ou autores escolherão um tema que condiga com sua experiência. Além do relato teremos uma página inicial que conterà o resumo do texto e uma apresentação do autor/autores.

---

1 Intitulada “Marcas de experiência no trabalho socioeducativo: narrativas camaradas da formação profissional.”

# ENTRELACES

Fascículo 1

**Título:** Outros Olhares

## RESUMO

Neste fascículo serão narrados aspectos do acompanhamento terapêutico de uma jovem que foi acompanhada pelo Camará e cuja história ganhou notoriedade a partir da sua participação no livro Meninas da Esquina. Esse livro apresentou os diários de seis meninas envolvidas na exploração sexual. O livro também foi roteirizado e, alguns meses depois, foi lançado o filme Sonhos roubados, dirigido pela cineasta Sandra Werneck. Destaco questões que se desdobraram em uma tensão entre a ONG e o financiador do projeto, do qual essa jovem fazia parte. Relato alguns pontos de divergência entre aquilo que o financiador esperava como ações de cuidado, facilmente identificadas no senso comum, como ações de proteção e ajuda e formas de acompanhar, assumidas na nossa prática profissional, sustentadas por posturas ético-políticas de caráter emancipatório. Apresento essas diferentes visões de cuidado, ilustrando ações de acompanhamento junto à jovem e algumas considerações expressas no jornal Folha de São Paulo, no qual o articulista e psicanalista, Contardo Calligaris, relata seu impacto diante da potência viva da jovem em questão. Visão esta que vem a corroborar com valores que nós do Camará defendemos e insistimos fazer valer na nossa prática profissional e como cidadãos no mundo.

**Autoria:** Viviane Gorgatti: psicóloga, com especialização em psicanálise, eutonia e formação e cuidado em rede, mestranda, praticante de yoga, meditação vipassana, apaixonada por cinema e trilhas – aspectos estes que julgo compor com meu modo de ver e narrar minhas experiências.

## SUMÁRIO

<b>1 OUTROS OLHARES.....</b>	<b>06</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>14</b>

## 1 OUTROS OLHARES

‘Novas mulheres’; assim o colunista e psicanalista Contardo Calligaris intitulou seu artigo publicado no jornal Folha de São Paulo em abril de 2010<sup>2</sup>. Antes de lê-lo eu já sabia bem da temática a ser tratada. O psicanalista havia assistido ao filme *Sonhos Roubados*<sup>3</sup> e se sentiu mobilizado para a leitura do livro *Meninas da Esquina*<sup>4</sup>, inspirador do filme. Tal livro foi organizado pela jornalista Eliane Trindade. Soube que especialmente o diário de Natasha, o primeiro de um compilado de seis diários contidos no livro, havia em muito lhe inquietado. A própria Eliane, com quem estreitei vínculos por ocasião do projeto de seu livro, me ligou rapidamente para falar do telefonema que havia recebido do psicanalista. Houve que gostaria de investigar. Aí, a meu ver, uma excitação nas nossas ágeis comunicações.

Qual aspecto me faz retornar a esse episódio e dele querer produzir novas ranhuras?

Disso tratarei neste escrito.

Penso existir algo que assinala uma convergência nas nossas percepções. Algo que parece apontar para o modo como as protagonistas do filme se posicionam diante de si e do mundo que as rodeia. Calligaris descreveu assim as marcas que lhe foram produzidas: *“Mal precisei esperar até a metade do filme para que meu estado de espírito mudasse (e o mesmo aconteceu ao avançar na leitura do livro): rapidamente, eu me apaixonei pelas protagonistas e me esqueci da periferia, que é o pano de fundo da história. Por quê? Simples: é verdade que as três jovens são vítimas da desigualdade social brasileira, mas é também verdade que elas não têm vocação alguma para o papel de vítima. Ao contrário, elas são as admiráveis heroínas de suas histórias.”*

Natasha e Jessica foram nomes fictícios criados para apresentar – no livro o primeiro deles, e no filme o segundo – uma mesma jovem com quem mantive estreitos laços a partir do meu trabalho no Camará. Não me proponho exatamente a recontar aspectos de sua história, mesmo porque muitos deles poderão ser acessados, por quem tiver interesse, por meio do livro, narrado por ela própria, ou do filme, que foi inspirado no livro. Paradoxalmente é apenas em razão do seu falecimento (trágico e indigno, por sinal) que me permito tocar

---

2 CALLIGARIS, C. Novas Mulheres. **Folha de São Paulo**, São Paulo. 29 abr 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2904201028.htm>> Acesso em 25 jul 2017.

3 **SONHOS ROUBADOS**. Direção: Sandra Werneck. Roteiro: Paulo Halm, Michelle Franz, Adriana Falcão, Sandra Werneck, José Joffily, Mauricio O. Dias. Produtora: Cineluz, 2009, 1 DVD (90 min). Brasil.

4 TRINDADE, E. **Meninas da Esquina: Diários dos sonhos, dores e aventuras de seis adolescentes do Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 2005

abertamente nessas questões, sem com isso ficar com receio de uso ou qualquer exposição indevida.

Mais do que conhecer, saber o nome e sobrenome da jovem, assim como Eliane Trindade e tantos outros que conheceram essa vivaz criatura, também eu fui marcada por sua força e vitalidade. Mas é pela excitação, que atribuí à troca de telefonemas, que escolho iniciar este texto. Algo que fez vibrar nossos corpos, que os fez sentir afetados, e que irrompeu num movimento ligeiro e espontâneo de trocas e partilhas telefônicas. Calligaris, segundo Eliane, ligou, ainda no calor do efeito do filme e da recente leitura do diário, querendo, a princípio, conhecer essa tão extraordinária jovem. Eliane, por sua vez, quis rapidamente dividir comigo esse telefonema, pois sabia que compartilhávamos dessa mesma percepção e, mais do que isso, estávamos sendo fortemente questionadas por outras pessoas que viam naquele relato algo a ser escondido, jamais publicizado.

Entendo os movimentos de busca por partilha, como fizemos por intermédio das conversas telefônicas, como espaços nos quais fortalecemos o plano comum, o que vem a contribuir para que as ideias ganhem força.

Uma das questões que me inquietou é: o que na história de Natasha fez desdobrar posturas tão dispares e ao mesmo tempo mobilizadoras para eloquentes posicionamentos?

Assinalo aqui estes dois contrastantes movimentos: por um lado nosso entusiasmo e encantamento com a vitalidade e a força daquela jovem e, por outro, o distinto posicionamento da instituição que apoiava financeiramente o Camará num dos projetos de enfrentamento à violência e exploração infanto juvenil, demonstrando preocupação e desconforto com aquilo que a jovem contava. Por sua vez, foi essa mesma instituição que acolheu a jornalista Eliane Trindade para desenvolver seu projeto de livro. O livro *Meninas da Esquina*, como foi dito, apresenta seis diários de adolescentes participantes de projetos sociais sediados em diferentes regiões do território nacional, cujo apoio financeiro advinha desse mesmo instituto.

O interesse anunciado por Calligaris para poder conhecer a jovem que lhe despertou um sentimento de admiração avalio ser fruto não apenas do magnetismo que a jovem irradiava, captado por ele por meio da autenticidade com que a jovem imprimiu a sua escrita, mas, penso eu, talvez porque o psicanalista, eu e Eliane tenhamos pressentido, a partir daquela singular existência, uma outra perspectiva para acessar e principalmente falar sobre questões relacionadas à potência e/ou vitimização das pessoas na contemporaneidade. Aliás, esse foi justamente o tom de seu artigo.



Percebo que na sociedade contemporânea quando se retratam situações que perpassam violências, às vezes abordando as desigualdades sociais - pois nem sempre a temática da desigualdade ganha notoriedade – existe um forte apelo para dar visibilidade aos sujeitos vitimizados. Penso que essa forma de abordar a questão muitas vezes conduz a uma revitimização, isto é, expõe-se a vida de pessoas, algumas vezes veiculando também as suas imagens, enfatizando as tragédias e/ou a maneira que elas encontraram para superar dificuldades. Seja qual for a estratégia, ambas, a meu ver, expõem e revitimizam sujeitos. Vejo nessa postura uma espécie de mercantilização da desigualdade social e, muitas vezes, uma forma de manter o aprisionamento e a subalternidade daquelas pessoas que se expõem publicamente. O protagonista do filme *Pixote* pode servir como ilustração desse fenômeno a que me refiro.

Natasha, aos nossos olhos, subverteu essa lógica; daí essa nossa excitação. Vejo frequentemente, principalmente na grande mídia, a exploração de situações que retratam violências sendo abordadas não pelo âmbito dos debates aprofundados – neles poderiam ser levantados aspectos que revelariam fatores que contribuíram para a produção da violência social e do seu respectivo acirramento – mas sim, dando visibilidade a sujeitos singulares que sozinhos superam lógicas perversas e/ou encontraram meios de se recolocarem no mundo. Assim, se reafirma o sistema social vigente. Como diria um professor e psicanalista amigo meu<sup>5</sup>: “Muito se trabalha para que nada mude!”.

Quando percebi que o financiador do projeto se inquietou, ou melhor, pôs em questão o apoio que vinha oferecendo ao Camará por entender que o relato da jovem demonstrava que as ações do projeto pareciam não estar produzindo interferências significativas na vida daquela jovem, me pus essa questão: que coisas poderiam estar no subterrâneo dessas diferentes posturas? O que fez com que as atitudes de uma mesma jovem fossem vistas por alguns como alguém que é heroína de sua história e por outros como vítima, talvez até mesmo vítima do próprio projeto do qual deveria receber cuidado? Quais as diferentes maneiras de acompanhar/ cuidar de alguém?

Penso então em prosseguir esta escrita tomando agora por balizadoras essas questões. O que no projeto clínico, político e pedagógico do Camará fez nos sentirmos mais entrelaçados com algumas pessoas do que com outras? Que metodologia nos guia e que desdobramento ela traz àqueles que são acompanhados pelo projeto?

---

5 Referindo-se a José Bleger, autor da *Psicologia Institucional*.

Minha proposta, em última instância, objetiva não apenas marcar as aproximações e distanciamentos no modo de trabalhar e ler o mundo, mas, sobretudo apostar que ao aprofundarmos estas questões quiçá elas possam conduzir novos entrelaçamentos.

Trabalhamos num campo marcado por experimentações, incertezas e riscos. Uma das poucas afirmações que assumo fazer é dizer que as dúvidas ante a tudo que compartilho aqui me acompanham. A proposta dessa coletânea de textos, da qual esse texto se apresenta como inaugural, é o que me anima a prosseguir. Manter a pluralidade; não abafar os conflitos, mas sim escancará-los; fomentar a voz daqueles que fazem o papel de “advogados do diabo” me parece um interessante caminho. Espero que assim seja!

Quanto ao modo de exercer a clínica no Camará, se tomarmos por objeto de partilha o acompanhamento à Natasha, diria que a experiência direta que tive com ela sempre representou um forte lugar de ancoragem e guia nos processos do trabalho que realizamos. Nessa experiência de contato próximo conduzi minhas ações e, até agora, é dela que retiro o substrato daquilo que, para esta escrita, me alicerça. Quem se aventurar a ler o livro, ou mesmo ver o filme, sob um olhar que se faça convidativo para uma possível implicação com os personagens e o contexto que os circunda, verá que nada é liso, fácil ou claro. A complexidade das cenas, da vida, a familiaridade que existe com o que há de mais humano nas experiências vividas, assim como a estranheza diante de adversidades que se impõem de forma tão desigual a cada um de nós coexistem o tempo todo. Fica a pergunta: o que cabe a cada um de nós diante da vida complexa e pulsante?

Gostaria de compartilhar que recentemente reli o diário de Natasha e por pouco não desisti de escrever este texto. Fiquei impactada, me indaguei sobre minha presença/ausência. Dor, dúvidas me assolaram, muito mais fortemente agora do que naquela ocasião. Por que será? Talvez porque a vivacidade do encontro com a jovem sustentasse o processo, mesmo que na época eu tivesse menos recursos clínicos. Percebo que hoje tenho mais ferramentas para compartilhar a experiência que foi vivida, mas também, ou exatamente por isso, posso afirmar que a presença viva é fundamental para sustentar sentidos. Recursos intelectivos ajudam a recuperar e compartilhar as experiências, mas aposto na presença viva como lugar de sustentação.

Para produzir este texto, sem desistir, precisei inicialmente respirar bem fundo, reler a texto de Calligaris, reencontrar na minha alma o amor e as afetações que, mesmo após a morte dessa pessoa tão querida, não haviam morrido. Assim, reavivei tantas marcas e descobri que elas ainda sobrevivem em mim. É desse lugar que agora escrevo.

Exatamente por isso, por esse meu esforço e a possibilidade de ter acessado tais registros, que não me parece correto colocar o dedo em riste para apontar as diferenças de olhares e posturas que cada pessoa assumiu em determinado momento, pois todas elas assinalam construções históricas e, como tais, estão sempre sujeitas a alternâncias. Vivemos num campo de incertezas vivas<sup>6</sup>.

Na ocasião na qual os fatos acima narrados se deram, minha implicação cotidiana no acompanhamento da jovem me dava outra possibilidade para lidar com alguns estranhamentos. Esses, como disse há pouco, foram revividos de forma diversa durante essa atual releitura. Mas, por outro lado, e daí minha ênfase, está sendo interessante viver esse momento presente, pois justamente está sendo a partir dele que pude me sentir mais próxima das pessoas que pensavam diferente de mim. Assim me parece que fica bem mais fácil produzir outros entrelaçamentos.

Um dos estranhamentos produzidos e reatualizados veio do fato de praticamente não me ver referida no diário. Nas cenas do cotidiano de Natasha minha presença sumiu, e não digo apenas de mim como pessoa, mas eu Camará. Tudo bastante mobilizador.

Algumas jovens que naquela época iniciavam seu percurso profissional no Camará – jovens estas que haviam adentrado ao Camará como público-alvo de algum dos projetos, mas naquele momento estavam exercendo a função remunerada de monitoria – ficaram chocadas e, reagindo como o financiador, se perguntaram onde estavam as ações do Camará naquilo tudo. Elas trouxeram ferrenhas indagações sobre o nosso trabalho, e tudo isso foi acolhido, pois eram absolutamente pertinente aquelas indagações.

Com a dona do diário, jamais se questionou nada sobre aquilo que ela escreveu ou deixou de escrever. Em nosso trabalho fomentamos a inteireza de expressão e a coragem para com a vida, mantemos nossa atenção para fazer valer o propósito de não produzir julgamento moral. Houve total respeito e liberdade para que ela se expressasse como quisesse. Seu diário foi produzido na intimidade, sem qualquer interferência nossa. Às vezes ela resolvia contar como estava sendo esta experiência de narrar sua história, mas nunca foi indagada a falar. Como Eliane, a equipe do Camará viu na veiculação do livro uma oportunidade rica para a multiplicidades de expressões de sujeitos singulares e principalmente para a desconstrução social de lugares estereotipados, fortemente marcados por julgamento moral. Houve muito cuidado para que as pessoas tivessem liberdade de expressão e não fossem reconhecidas e expostas.

---

6 Nome dado à 32ª Bienal de São Paulo, ocorrida em 2016.

As indagações elucidadas pelas monitoras, desde então, fizeram-nos debruçar com afinco na produção de equivalentes que apresentassem as linhas de forças que haviam sido construídas na relação da jovem com o Camará e que como tal se mantinham ocultas<sup>7</sup>. “Kastrup e Passos ressaltaram que equivalente não é sinônimo de correspondência, mas que ele ocorre como sintonia no campo das forças.”<sup>8</sup> Simplificadamente, diria que os campos de forças assinalam a conexão imaterial que une elementos (animados ou inanimados).

Lembro-me bem quando e como fomos encontrando alguns pequenos sinais que apontavam para a presença do Camará na vida de Natasha, para além daquilo que explicitamente fora dito. Fomos olhando para as entrelinhas e conversando entre nós, equipe do Camará, as descobertas que assinalavam a existência do trabalho que fazíamos, principalmente aspectos do trabalho invisível. Na minha recente dissertação de mestrado procurei abordar questões que decorrem do trabalho clínico de sustentação. Este trabalho de sustentação é uma das funções privilegiadas do acompanhante terapêutico. Na dissertação apresentei a correlação desse trabalho com aspectos da invisibilidade.

#### Sustentação e invisibilidade:

Primeiramente proponho fazer distinções nomeando alguns pares de opostos que costumam ser familiares ao se tratar de questões da invisibilidade: aparecer/não aparecer; estar presente/não estar presente; postura intencionada/abandono. Se os mantivermos como pares de opostos, num registro binário, perderemos toda complexidade do tema e ficaremos distantes de novas compreensões. Proponho quebrarmos essa lógica binária de apresentar as coisas como pares de opostos.

[...]

Por um observador externo à ação de sustentação, pela sua natureza invisível, pode ser enxergada como uma postura de abandono diante de uma situação, o que pode estar absolutamente distante do processo que se desenrola.<sup>9</sup>

Utilizei referenciais winnicottianos para tratar das questões de sustentação e invisibilidade. Winnicott utiliza os conceitos mãe-ambiente e mãe-objeto para descrever dois tipos de posições que atuam de forma complementar na constituição do sujeito.

---

7 Conforme encontramos em KASTRUP, V.; PASSOS, E. Cartografar é traçar um plano comum. In: **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. Porto Alegre: Sulina, 2014. (v. 2). p 15 – 41.

8 Conforme GORGATTI, V. **Marcas de experiência no trabalho socioeducativo: narrativas camaradas da formação profissional**. 2017. 172 f. Dissertação (Mestrado Ensino em Ciências da Saúde) – Instituto de Saúde e Sociedade, Universidade Federal de São Paulo, Santos, 2017, p. 136.

9 Idem, p. 29.

A ação do profissional que sustenta a experiência, que acompanha, sem dizer qual o caminho, na maior parte das vezes é invisível. Winnicott (1990b) dá pistas sobre muitas das questões que estamos permeando. Os conceitos de mãe-ambiente e mãe-objeto podem ajudar. O primeiro se refere a uma posição assentada no ser, na existência. Esta posição assinala a presença e a importância das ações de sustentação. A segunda posição, mãe-objeto, dá lugar ao fazer, fazer enquanto ação direta e não passiva. Winnicott ressalta dizendo que se tudo correr bem a posição mãe-ambiente não deverá ser reconhecida pelo bebê. O melhor atributo dessa posição é justamente essa existência invisível.<sup>10</sup>

Acredito que muito da inteireza apresentada por “Natasha” foi fruto também de ações que conosco foram vivenciadas, resultantes do convívio com o Camará.

Para finalizar vou então compartilhar uma situação que pode servir como ilustração disso que apresentei.

Dentre tantas coisas vividas com Natasha eu guardava na minha memória um dia bem especial. O contexto inicial foi pesado, mas havíamos produzido uma forte relação de cuidado, que em mim havia deixado marcas e acreditava que nela também. Natasha havia sido violentada e me ligou contando que estava péssima, havia usado muita droga para tentar amenizar a dor, mas nada a fazia se sentir melhor. Ela me ligou logo cedo, com a voz embargada e reticente. Naquele momento fui ao seu encontro, passamos o dia inteiro juntas em sua casa. Sentei-me na sua cama, ela deitou sua cabeça no meu colo e depois de um cafuné consegui dormir. Foram algumas horas que ficamos assim, nessa mesma posição. Ao acordar cozinhamos juntas e conversamos um pouco. Foi muito significativo todo esse encontro.

Essa cena eu guardava na minha memória e nem me ocorreu ter procurado por ela quando tive acesso ao livro. O existência do outro. Acredito que Natasha fez uso do trabalho que vivenciou no Camará para se afirmar no mundo como acontecido estava suficientemente integrado ao conjunto de experiências que se fez corpo. O que se passou foi que a situação de violência havia sido vivida concomitantemente por Natasha e outras duas amigas. Coincidentemente estas amigas também produziram diários no mesmo livro. As duas colegas descreveram o ocorrido, cada uma à sua maneira, sem fazer referência uma à outra, fato esse que me fez ter precisão do dia exato no qual tudo havia se sucedido. Ao ter reavivado este acontecimento, fui então, intencionalmente, em busca de saber o que Natasha havia escrito naquele dia. Enquanto as outras jovens falaram detalhadamente da violência, foi surpreendente ver que Natasha não fez menção à literalidade dos acontecimentos. Natasha não

---

<sup>10</sup> Ibidem, p. 31.

contou a violência sofrida, nem os cuidados recebidos, mas nesse dia específico no seu diário encontramos uma profunda e sensível reflexão sobre a maternidade. Esse é um dos exemplos mais belos que guardo desse invisível trabalho de sustentação que oferecemos nos acompanhamentos. O acompanhante terapêutico existe sim, enquanto pessoa, com corpo e com sua história, mas fundamentalmente sua função é dar sustentação e testemunho à heroína de sua história, assumindo assim uma existência não vitimizada.

Deixo aqui uma reflexão que no Camará costumamos fazer durante os processos formativos de outros jovens: do que serviria termos ouvido relatos de jovens que mudaram suas vidas, arrumaram trabalho, casamento e sei lá mais o quê, se esses movimentos verdadeiramente não representarem uma implicação das pessoas com suas próprias escolhas? Observo que muitas situações tidas como casos bem-sucedidos no fundo apresentam pessoas fantoches, representantes de uma moral comprada e condizente exclusivamente com os desejos de pessoas que exercem o domínio de seus poderes mantendo uma sociedade profundamente injusta e desigual.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALLIGARIS, C. Novas Mulheres. **Folha de São Paulo**, São Paulo. 29 abr 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2904201028.htm>> Acesso em 25 jul 2017.

KASTRUP, V.; PASSOS, E. Cartografar é traçar um plano comum. In: **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. Porto Alegre: Sulina, 2014. (v. 2). p 15 – 41.

SONHOS ROUBADOS. Direção: Sandra Werneck. Roteiro: Paulo Halm, Michelle Franz, Adriana Falcão, Sandra Werneck, José Joffily, Mauricio O. Dias. Produtora: Cineluz, 2009, 1 DVD (90 min). Brasil.

TRINDADE, E. **Meninas da Esquina: Diários dos sonhos, dores e aventuras de seis adolescentes do Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 2005